

Acho que em 1978 os metalúrgicos do ABC optaram pelas greves e era um momento importante, que exigia que as greves fossem feitas. O setor automotivo estava sendo muito explorado pelos capitais internacionais e, por extensão, toda a sociedade brasileira era explorada.

Mas, a principal comparação deve ser feita em

nossa região, porque são culturas semelhantes. A maioria dos trabalhadores é do interior, temos uma mão-de-obra composta por filhos de trabalhadores rurais, filhos de fazendeiros, de professores do interior. Entre Ipatinga e Timóteo podemos ter um paralelo mais real da situação, temos um sindicato “bravo” (Metasita), com visão política de confronto, sem resultado; e um sindicato de equilíbrio (Sindipa), com visão de futuro e de construção, com resultado, numa situação em que o patrão era o mesmo (o governo, na época em que as empresas eram estatais). No caso da Acesita tivemos a privatização e

o número de empregos caiu de 10 mil empregados para 3 mil, a empresa não deu nada para cidade, não criou emprego para ninguém. Então, lá, o confronto foi em vão. Aqui, dentro da mesma cultura, temos uma empresa que foi privatizada, os direitos dos trabalhadores foram assegurados, não ocorreu nenhuma demissão em decorrência da privatização (houve incentivo à demis-



Assembléia com ampla participação dos metalúrgicos: credibilidade

são para quem já tinha condições de se aposentar, a Usiminas demitiu mais quando era estatal do que após a privatização). A visão que tivemos de negociar a privatização foi melhor do que guerrear contra ela. Quem guerreou perdeu. Nós garantimos 20% das ações para os trabalhadores e elas foram negociadas. Ne-

■ “Todas as comparações nos são favoráveis, em que pese o pensamento da esquerda atrasada do Brasil que hoje está no poder, que sempre fez críticas, mas não construiu nada.”

gociei com o governo federal e com o BNDES um aumento real de salários superior a todas as empresas do Brasil para poder pagar as ações da Usiminas durante 10 anos, o que representava 4,6% da folha de pagamento da empresa. Conseguimos um aumento adicional de 5% (o que significava uma letra na época, aplicado a todos os trabalhadores), o que não é pouco se considerarmos que a in-

flação anual hoje é de 5%. Então tivemos um aumento de 5% para adquirir as ações da Usiminas e com isso os trabalhadores após 10 anos quitaram as ações, financiadas pelo BDMG e os 5% continuaram no salário, como um aumento extraordinário. E durante estes anos, sucessivamente, todos os anos, os trabalhadores tive-

ram participação nos dividendos da empresa. A partir de 1996, além dos dividendos, os trabalhadores puderam negociar suas ações ordinárias e preferenciais. O trabalhador ganhou aumento de salário, vendeu ações preferenciais, vendeu ações ordinárias e elas continuaram com os trabalhadores, porque estão na

Caixa dos Empregados da Usiminas e a Caixa somos nós. Acho que foi um grande negócio que ninguém neste País fez e, mesmo no mundo, não tenho conhecimento que isso tenha sido feito. A privatização não aconteceu só no Brasil. A privatização foi uma onda mundial que começou na Europa,

■ se estendeu para a Ásia e chegou à América Latina, sem que ninguém tivesse feito uma negociação que pudesse assegurar tantas conquistas e tantos benefícios num País considerado de Terceiro Mundo, como a que fizemos aqui em Ipatinga.

A Usiminas, de 1,5 milhão de toneladas passou a produzir 5 milhões de toneladas, para chegar a 10 milhões